

## O HISTÓRICO DA ATUAÇÃO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO

SANTOS, J. V. S.<sup>1</sup> CARVALHO, T. M.<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esse artigo busca em seu objetivo, apresentar um histórico acerca do acompanhante terapêutico, desde a sua criação, até nas funcionalidades desse trabalho nos contextos mais atuais. Além disso, busca-se através do levantamento bibliográfico, apresentar definições a respeito do acompanhante terapêutico, assim como algumas habilidades pré-requisitos para desenvolver tal trabalho. Como resultado, observou-se a diferenciação que tal atuação foi tendo quanto a descrição de funções, assim como as modificações de funções com o passar dos anos. Concluindo assim, o artigo apresenta o histórico de atuação do AT nos diferentes contextos, assim como uma descrição de habilidades pré-requisitos para tal atuação.

**Palavras-chave:** Acompanhante Terapêutico. Análise do Comportamento. Contexto histórico.

**ABSTRACT:** This article seeks to present a history of the therapeutic companion, from its creation, to the functions of this work in the most current contexts. In addition, it seeks through bibliographic survey, presentation of respect to the therapeutic companion, as well as some prerequisite skills to develop such work. As a result, it was observed the differentiation that such performance was having in terms of job description, as well as job changes over the years. In conclusion, the article presents the history of the TA's performance in different contexts, as well as a description of prerequisite skills for such performance.

**Keywords:** Therapeutic Companion. Behavior Analysis. Historical context.

### INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, uma prática vem se fortalecendo e aparecendo cada vez mais dentro das possibilidades voltadas a tratamentos de pessoas que buscam ou que estão em atendimento psicoterapêutico. Tal prática, utiliza-se do Acompanhante Terapêutico (AT) para fazer parte de equipes ou tratamentos que envolvam profissionais da saúde.

---

<sup>1</sup> João Vitor de Souza dos Santos. Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2020. Contato: joao.s.souza182@gmail.com

<sup>2</sup> Thaísa Mara de Carvalho. Orientadora da pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2020. Contato: thaisa.mara@fap.com.br

Inicialmente, pode-se pensar que o surgimento do AT foi voltado para questões educacionais, ou como extensão do atendimento clínico, porém, tal atuação se deu início através de uma possibilidade de tratamento diferente da internação psiquiátrica. Tendo enorme influência de movimentos antimanicomiais, da criação de comunidades terapêuticas, e da reforma antipsiquiátrica, que aconteceram por volta da década de 50.

Vale ressaltar, sobre os diferentes nomes que tal atuação levou durante sua existência, como por exemplo “amigo qualificado; atendente psiquiátrico; auxiliar psiquiátrico; acompanhante domiciliar”, até chegar ao nome mais utilizado em contextos atuais, o “acompanhante terapêutico”.

## **OBJETIVOS**

Tal artigo, busca realizar um levantamento de informações a respeito do histórico de surgimento do acompanhante terapêutico no mundo, até chegar ao contexto brasileiro em sua atuação. Além de especificar algumas habilidades como pré-requisitos para desenvolver tal trabalho fundamentado dentro da Análise do Comportamento.

## **MÉTODO**

Tal pesquisa, trata-se de um levantamento bibliográfico visando buscar por informações em artigos científicos, teses e livros, a respeito de como a atuação do acompanhante terapêutico foi se formando durante o passar dos anos.

## **RESULTADOS**

Se tratando de um processo histórico, existem algumas informações a respeito do caminhar de tal atuação. Primeiramente, a relação existencial entre AT e o movimento antipsiquiátrico por volta da década de 50, juntamente com a desinstitucionalização da “loucura” na Inglaterra, Estados Unidos da América e Itália, por volta da década de 60. Mas quando voltamos o olhar para o continente Sul da América, é possível observar informações sobre a existência de tal atuação por volta do final da década de 60, sendo requisitada por psicanalistas na Argentina (VELOZO, JÚNIOR, 2006; FIORATTI, SAEKI, 2008; MARCO, 2011; MARCO, CALARIS, 2012; ENGEL, GHAZZI, SILVA, 2014).

No Brasil, por influência da Argentina, começaram a surgir atendentes psiquiátricos por volta dos anos 60, sendo que esses trabalhavam em comunidades terapêuticas. Nessas comunidades, o tratamento oferecido buscava ocorrer de maneira diferente das que envolviam o processo de internação. Lá, os atendentes não apresentavam nenhum tipo de formação específica, mas trabalhavam com o intuito de amenizar a tensão existente no dia-a-dia dos pacientes. E através das influências dos próprios trabalhos sendo realizado no país, por volta do ano de 1969, foi criada a Clínica Vila Pinheiros, que com orientação de trabalho psicanalista, fundamentava o trabalho dos auxiliares psiquiátricos, e ao mesmo tempo criava condições práticas experimentais para observar as aplicações da psicanálise para com as psicoses (VELOZO, JÚNIOR, 2006).

Um outro olhar a respeito do início dos trabalhos realizados por acompanhantes terapêuticos, se deu por volta da década de 80, na qual alguns indivíduos que não estavam relacionados diretamente a psicologia, contudo estariam ligadas diretamente ao contato com clientes em seu contexto natural, na qual envolveria a probabilidade de aparecimento de comportamentos-problema. Foi nesse período, que foi surgindo o trabalho do AT através da Análise do Comportamento, porém sem tanto destaque e divulgação, por ser um período em que tal ciência estava passando por críticas relacionadas a questões de modificação de comportamentos (MARCO, 2011).

Tratando-se de função, cabe ao acompanhante terapêutico, desenvolver seu trabalho na aplicação das intervenções planejadas pelos demais profissionais da equipe, independente do local que esteja desenvolvendo seu trabalho, ou seja, tanto em contexto natural, quanto em escolas, consultórios e demais contextos em que as pessoas se comportem (ZAMIGNANI, WIELENSKA, 1999).

E para que o acompanhante terapêutico ainda em graduação possa vir a desenvolver seu trabalho, são necessárias algumas habilidades, que podem vir a ser aprendidas de diversas maneiras, como por exemplo, através das supervisões. Dentre as habilidades necessárias, são pré-requisitos para que o AT desenvolva o seu trabalho, passar por um treinamento em observação, ter conhecimento dos conceitos básicos da Análise do Comportamento, apresentar técnicas de entrevista, criar relações terapêuticas, aplicar técnicas, e ter conhecimento básico sobre psicopatologia e psicofarmacologia (ZAMIGNANI, WIELENSKA, 1999).

Para descrever um pouco sobre cada pré-requisito, Zamignani e Wielenska (1999) abordam que no treinamento em observação, o AT deverá observar questões relevantes quanto ao contexto do cliente que está acompanhando. Já em relação aos conceitos básicos da Análise do Comportamento, para que assim, compreenda sobre funções de comportamentos. Nas técnicas de entrevista, para obter dados sobre o caso, e desenvolver a relação terapêutica (pré-requisito que os autores apontam especificamente). Na parte da relação terapêutica, é exposto sobre ser de grande importância para que se possa atingir os objetivos propostos. Na aplicação das técnicas, o AT precisará ter conhecimento sobre elas, tanto para aplica-las, quanto nas explicações para as pessoas envolvidas, para que essas possam compreender sobre seus benefícios. E sobre as noções básicas de psicopatologia e psicofarmacologia, contribui para conhecimentos de possíveis comportamentos relacionados a transtornos, e também no conhecimento dos possíveis efeitos advindos da utilização de medicações.

## CONCLUSÃO

Através dos resultados, pode-se concluir que o trabalho do acompanhante terapêutico deu início através de movimentos antipsiquiátricos, mas que nos contextos atuais, está sendo utilizado em qualquer contexto que as pessoas possam vir a se comportar, não tendo local de trabalho específico. Ampliando assim, as possibilidades de intervenções do AT. Além disso, pode ser observado algumas habilidades pré-requisitos para que estudantes de graduação possa vir a desenvolver o trabalho como AT, fundamentados dentro da Análise do Comportamento.

Além disso, vale ressaltar sobre a necessidade de mais estudos quanto a essa atuação dentro da psicologia, até mesmo por conta de ser uma atuação recente. E também comentar sobre a oportunidade que tal prática trás para agregar na formação de estudantes de graduação, visto que proporciona uma prática supervisionada, por conta da possibilidade de desenvolver as habilidades citadas como pré-requisitos na vida de cada pessoa que passa por tal experiência.

## REFERÊNCIAS

ENGEL, Daiane; GHAZZI, Mercês Sant'Anna; SILVA, Heloisa Cardoso. Acompanhamento Terapêutico e a Relação Mãe-Bebê. **Psicologia: Ciência e**

**Profissão**, 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n4/1982-3703-pcp-34-4-1045.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FIORATI, Regina Célia; SAEKI, Toyoko. O acompanhamento terapêutico na internação hospitalar: inclusão social, resgate de cidadania e respeito à singularidade. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. v.12, n.27, p.763-772, 2008. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000400007&script=sci\\_abstract](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000400007&script=sci_abstract)>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MARCO, Mariana Nunes da Costa. **Acompanhante Terapêutico: caracterização da prática profissional na perspectiva da Análise do Comportamento**. 2011. 80f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2011. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97451/marco\\_mnc\\_me\\_bauru.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97451/marco_mnc_me_bauru.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 18 set. 2020.

MARCO, Mariana Nunes da Costa; CALAIS, Sandra Leal. Acompanhante Terapêutico: caracterização da prática profissional na perspectiva da Análise do Comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. 14, n. 3, p. 03-33, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v14n3/v14n3a02.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SILVA, Célia Leme de Camargo. **Uma revisão da literatura brasileira acerca do acompanhante terapêutico em uma abordagem analítico-comportamental**. 2013.34f. Monografia – Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2013. Disponível em: <<https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia-Celia-Leme-de-Camargo-Silva.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

VELOZO, Renata Simões; JÚNIOR, Octávio Domont de Serpa. O Acompanhante Terapêutico “em ação” no campo público da assistência em saúde mental. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**. n. 2, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v9n2/1415-4714-rlpf-9-2-0318.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ZAMIGNANI, Denis Roberto; WIELENSKA, Regina Christina. (1999). Redefinindo o papel do acompanhante terapêutico. In: R.R. KERBAUY; WIELENSKA, R. C. (Orgs.), **Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva da reflexão teórica à diversidade na aplicação**. v. 4, Santo André: ARBytes, p. 157 – 165, 1999.